



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15755 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

### COMPOSIÇÕES CURRICULARES E FORMATIVAS: CRIAÇÕES DE PROFESSORAS E CRIANÇAS PARA HABITAR UMA NOVA TERRA

Fernanda Binda Alves Touret - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Priscilla Costa Meireles - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Sandra Kretli da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

### COMPOSIÇÕES CURRICULARES E FORMATIVAS: CRIAÇÕES DE PROFESSORAS E CRIANÇAS PARA HABITAR UMA NOVA TERRA

Esse texto deriva de uma pesquisa ocorrida em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), por meio de grupos de estudos e formação continuada, realizados com professoras e demais profissionais que compartilharam experiências intensivas e extensivas. Nesse estudo objetivamos pensar a força das imagens-cinema para os movimentos inventivos curriculares e cartografar seus efeitos nas redes de conversações com as professoras.

Utilizamos a cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), como aporte metodológico para acompanhar processos em meio a mapas abertos. Sendo assim, a composição em redes de conversações (Carvalho, 2009) com o coletivo do CMEI na perspectiva de uma formação inventiva, nos afetou pela possibilidade de problematizar, analisar e intervir no que nos passa e nos acontece podendo, assim, expandir a potência de ação coletiva na/da escola de modo que se produzam outros possíveis junto aos currículos.

Eis que nos encontramos em um novo mundo (Figura 1), um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) recém-construído e inaugurado no início de 2024. Nele trabalha um grupo composto por docentes, assistentes, limpeza, administrativo e cozinha, inteiramente constituído por mulheres.

Figura 1 – CMEI Nova Terra



Fonte: <https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/vitoria-celebra-fase-final-das-obras-do-cmei-rubens-jose-vervloet-gomes-49640> (Publicada em 28/12/2023).

Durante os primeiros encontros com as professoras, elas enunciavam algumas inquietações de que no terreno destinado à obra havia um pequeno bosque em que as crianças do bairro brincavam livremente, junto natureza do local (Figura 2). Foi então que um projeto cimentado, desconsiderando a natureza do terreno e suas amplas possibilidades, foi edificado.

Figura 2 – O bosque



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

*Aqui tinha muito verde antes dessa construção. Não podiam preservar junto com o prédio do CMEI? (Professora 1)*

*Não sobrou uma árvore sequer e agora estamos derretendo de calor com as crianças nesses pátios que não têm um pingo de sombra. (Professora 2)*

Diante das enunciações nos pusemos a problematizar: que natureza é essa que tanto desejamos, sem considerá-la em nosso meio?

Figura 3 – A derrubada



Fonte: <https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/obras-do-cmei-jardim-camburi-sao-retomadas-41948>  
(Publicada em 23/01/2021 / Atualizada em 02/06/2021).

Que Terra é essa em que se retira o que há de natureza?

Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 16-17).

Assim como Deleuze e Guattari (2012), sabemos que o “lobo” macropolítico, originado das determinações organizacionais que regem as políticas públicas educacionais, e a natureza, uma espécie de micropolítica que nos faz respirar um pouco de possível para não sufocar (Deleuze, 2013), não se separam de maneira asséptica. Não podemos pensar a natureza deslocada para um suposto fora em que não há na escola. Afinal, escola, natureza e vida se constituem em um mesmo organismo. Carvalho (2019) e Rolnik (2016) nos convocam a problematizar essa indissociação entre macro e micropolíticas, ambas interligadas nos cotidianos.

Nesses escapes, Krenak (2019), nos alerta para o fato de vivermos de “amostras de natureza” no intuito de recordarmos do que habitava o território em meio ao deserto, antes da subtração do verde. E num movimento de acolherem-se no espaço ainda frio e escaparem pelas frestas dos possíveis, as professoras procuravam fazer a vida brotar.

Ocorre que segundo Deleuze e Guattari (2012), o deserto se constitui pela possibilidade de profusão de vida, fazendo germinar uma Nova Terra. Os desertos se constituem em potência para a criação de novos modos de pensamento, escapando de estruturas dogmáticas. O novo CMEI floresceu com as possibilidades de um deserto.

Em um dos encontros, após assistirem o curta *The Last Knit* (Neuvonen,2005), em que uma mulher tece obstinadamente um cachecol, até que sua linha acaba e ela esgota todas as possibilidades de continuar, usando inclusive o próprio cabelo como fio para a urdidura. As docentes prosseguiram fazendo explodir os afetos que pediam passagem (Rolnik, 2016).

*Às vezes parecemos essa mulher que tece um cachecol sem nem pensar sobre o que estamos fazendo. A tesoura me remeteu à possibilidade de romper com o que está dado.* (Professora 3)

Ao problematizar a imagem-cinema da mulher tecendo seus próprios cabelos para além da linha, externalizamos a forma automatizada que o corpo-escola têm se visto a exercer e cumprir com as demandas das Secretarias, ou seja, há de se dar um jeito de “não parar”, em movimento constante e fixado na realização das atividades propostas. No entanto, professorar não é uma mera repetição dos fazeres previstos e/ou planejados (Oliveira, 2004 p.43), é exalar vida nas brechas das determinações verticalizadas por meio das resistências coletivas que se fortalecem mutuamente nos cotidianos escolares.

Portanto, florescer em meio ao deserto “é enfrentar este problema, de ligar de maneira indissociável o aprender e o inventar” (Kastrup, 2001, p.18) nas vias que disparam um ar vital, um ar que rompe forças e fluxos que penetram esse cotidiano cimentado. A Nova Terra, corrompida de arboreal segue se multiplicando entre bebês, crianças e professoras, no corpo-escola, que se constituem com a vida.

Assim, o movimento formativo com as professoras se multiplicou por meio da diferença e da invenção (Kastrup, 2001), como um desvio das imposições lineares que são postas de vários modos no cenário educacional – seja pelo espaço construído nas paredes que intentam nos conter, ou por tantos outros fios dicotômicos que forcejam enovelar a aprendizagem inventiva e as práticas docentes. Portanto, lançamo-nos a desalinhar os fios endurecidos para transpor as barreiras limitantes do que está posto e com isso, ousar uma Nova Terra que floresça em um deserto de possíveis.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 47-62, jan./mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8650819>.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et alii; Brasília: CNPq, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Sueli Rolnik. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 05

mai. 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

NEUVONEN, L. (Diretora). (2005). **The Last Knit** [Curta-metragem].

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Criação curricular, autoformatação e formação continuada no cotidiano escolar. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduard (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 43-67.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana de (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas de desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2016.